

ALDEIA URBANA GUARANI *TEKOA PYAU*: A BUSCA PELA “TERRA SEM MALES” NA CIDADE DE SÃO PAULO, BRASIL – UM ESTUDO DE ABORDAGEM REFLEXIVA

Waldir José Gaspar¹

Elias Januário²

Aumeri Carlos Bampi³

Germano Guarim Neto⁴

Resumo - O artigo apresenta a aldeia Tekoa Pyau, da etnia Guarani, situada em área urbana da cidade de São Paulo. Foram realizadas visitas a campo e diálogos com membros dessa comunidade. Abordaram-se aspectos relativos aos elementos materiais e simbólicos. Quanto à formação cultural, nota-se que a educação (não formal e formal), em seus diversos espaços e momentos, é elemento de coesão indispensável para a afirmação étnica, reconhecimento, defesa dos direitos e resistência cultural. No tocante aos elementos materiais, foca-se nas habitações. Nas construções, observa-se a utilização de materiais da proximidade, buscando respeitar à tradição; no entanto, devido ao crescimento metropolitano e à necessidade de preservação do entorno do parque, tornou-se inviável a extração de recursos naturais. Essa restrição resultou no uso de materiais e técnicas diversas sem relação conceitual étnica, com a produção de habitações inadequadas no que diz respeito a aspectos funcionais, de conforto e estético. São inseguras, de baixa qualidade e precária higiene, com descaracterização visual, que replicam na aldeia a paisagem urbana periférica paulistana, mas, mesmo com o entorno cultural distinto, a comunidade mantém viva aspectos da identidade indígena Guarani.

Palavras-chave: etnia Guarani, educação indígena, aldeias na metrópole.

1 - Universidade Nove de Julho, Faculdade de Belas Artes de São Paulo, Doutor em Ecologia e Recursos Naturais, Rua Amador Bueno, Santo Amaro, São Paulo – SP, 04.752-005, Grupo de Pesquisa Análise e Planejamento Ambiental. gasparhome@terra.com.br

2 - Universidade do Estado de Mato Grosso, Doutor em Educação e Pós-Doutor em Antropologia e Etnobotânica, Aposentado, Rua Maria Martins Paixão, 343, Centro, Chapada dos Guimarães, MT – 78.195-000. Grupo de Pesquisa Memória, Identidade, Cultura Material e Educação Infantil dos Povos Indígenas. Grupo de Pesquisa Flora, Vegetação e Etnobotânica – FLOVET. eliasjanuario@terra.com.br

3 - Universidade do Estado de Mato Grosso, Doutor em Filosofia e Ciência da Educação, Faculdade de Educação e Linguagem. Avenida dos Ingás, 3001, Centro, Sinop – MT, 78.550-000. Grupo de Pesquisa ANTROPOSFERA. aumeribampi@gmail.com

4 - Universidade Federal de Mato Grosso, Doutor em Ciências Biológicas (Botânica), Instituto de Biociências, Departamento de Botânica e Ecologia - Av. Fernando Corrêa da Costa, 2367 - Bairro Boa Esperança. Cuiabá-MT, 78.060-900. Grupo de Pesquisa Flora, Vegetação e Etnobotânica – FLOVET. guarim@ufmt.br

Abstract (Guarani urban village *Tekoa Pyau*: the search for the "land without males" in the city of São Paulo, Brazil - a study of a reflective approach). - The article presents the Tekoa Pyau Indigenous village, from the Guarani ethnic group, located in the urban area of the city of São Paulo, State of São Paulo, Brazil. Field visits and dialogues with members of the community were carried out and the aspects related to the material and symbolic elements were approached. Concerning the cultural education, it is observed that the (formal and not formal) education in its diverse space and moments is the element of cohesion indispensable for the ethnic assertiveness, recognition, protection of rights and cultural resistance. In relation to the material elements, the focus is on housing. For the constructions, materials from the surroundings is used, trying to respect the tradition. However, due to the metropolitan growth and to the need to preserve the outskirts of the park, it was impossible to extract the natural resources, resulting in the use of diverse material and techniques with no ethnic relation, producing inadequate housing in functional, comfort and aesthetic aspects. They are insecure, low-quality and precarious in hygiene, with a visual mischaracterization which gives to the Indigenous village the *paulistana* urban periphery scenery. Although with a different cultural frame, the community keeps the Guarani Indigenous identity alive.

Key words: Guarani ethnics, indigenous education, indigenous village in the metropolis.

INTRODUÇÃO

A região metropolitana da cidade de São Paulo é o maior centro urbano em extensão territorial do Brasil e um dos maiores do mundo. Apesar de muitos aspectos terem mudado desde a época em que a cidade era um amontoado de casas em taipa de pilão, com habitantes que falavam a língua Tupi-Guarani, de onde partiam os desbravadores bandeirantes rumo às Minas Gerais para exploração de novos territórios e riquezas, vários outros aspectos – como a exploração e o descaso com os indígenas – continuam praticamente iguais.

A grande metrópole paulistana detém uma população de 11,2 milhões de habitantes (IBGE, 2010). Nesse contexto estão inseridos os 583 indígenas (CPISP, 2015) das aldeias *Tekoa Pyau* e antiga *Tekoa Itu* da etnia Guarani, família linguística Tupi-Guarani - falantes do dialeto *Mbya*. Moram nas proximidades do Pico do Jaraguá, na zona oeste da capital paulista, em uma área murada tal qual um condomínio horizontal, de acordo com a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), por mais de 60 anos, em apenas 1,7 hectares.

O povo Guarani tem como princípio cosmológico a incansável procura por uma terra perfeita ou a “Terra sem Males”. Os moradores que habitam a região da Terra Indígena (TI) Jaraguá, consideram-na uma *tekoha*, palavra de difícil tradução, mas que implica na confluência dos sonhos, da retidão da vida e das boas relações com *Nhanderu* (PEGGION; DANAGA, 2016).

O processo de demarcação da Terra Indígena começou com um estudo antropológico completo do local, porém o reconhecimento da área como Terra Indígena ocorreu somente no ano de 2013. Apesar de ainda tramitarem na justiça processos de reintegração de posse, a Portaria nº 06/2015, do Ministério da Justiça, tornou esse lugar em Terra Indígena Jaraguá, com uma área de 532 hectares (FUNAI, 2015).

MATERIAIS E MÉTODOS

Aproximações às características da aldeia: entre o parecer ser uma comunidade de periferia e o resistir como comunidade indígena

Analisando essa comunidade indígena sob a ótica urbanística, a impressão que se evidencia é a de uma comunidade semelhante às das periferias paulistanas, carentes de infraestruturas e de condições básicas para sobrevivência.

As habitações da aldeia *Tekoa Pyau* não remetem à figura do indígena livre que paira no imaginário popular e dos pesquisadores, por força de um estereótipo construído até mesmo na academia que força a percepção do indígena, em especial na atualidade, aos contextos de territórios-ambientes amazônicos, sem observar o processo de intensa urbanização que afetou comunidades indígenas.

Provavelmente, em virtude do contato e da interação com a comunidade não indígena do entorno nos bairros limítrofes, as condições físicas existentes contribuíram significativamente para a constituição da realidade visual da aldeia, sendo necessária uma releitura dos espaços constituintes do modo de vida presente nessa aldeia.

A estreita e sinuosa estrada turística do Jaraguá é o principal acesso que liga a capital paulistana ao Parque Estadual do Jaraguá. Até então, a dimensão da área ocupada pela aldeia é tão pequena que a torna despercebida aos olhos dos visitantes do parque. Em 2015, a aldeia *Tekoa Pyau* foi considerada pela FUNAI como a “menor aldeia indígena do Brasil”.

O território onde vive o grupo indígena Guarani está dividido em duas aldeias, a *Tekoa Pyau* (aldeia de cima) e a antiga *Tekoa Ytu* (aldeia de baixo). Conforme demonstra a Figura 1, é possível observar a dimensão do território onde estão concentradas as duas comunidades.

Para Testa (2014, p. 2-17), *Tekoa* é um lugar onde um grupo de parentes (humanos ou não humanos) convive e cuidam uns dos outros, não coincidindo com o sinônimo exato de “aldeia”.

O avanço da urbanização e o crescimento dos bairros no seu entorno aproxima a figura indígena da realidade urbana, de tal modo que buscamos entender esse contato, trazendo à problemática da presença dos indígenas circundados pela metrópole e os efeitos da cultura do não indígena no cotidiano das aldeias ainda existentes.

As comunidades indígenas, em sua maioria, são marginalizadas e enfrentam interesses alheios à sua cultura, os quais fragmentam e desestruturam o espaço indígena. Existe um uso do território do entorno da aldeia que reflete a realidade de vida da população de uma grande cidade, apresentando contrastes de ocupação do espaço com casas das classes média e baixa e também favelas, dividindo essa vizinhança.

Figura 1: Terra Indígena do Jaraguá e localização da aldeia *Tekoa Pyau*.
Fonte: Instituto Socioambiental (set. 2016).



Quando se acessa a estrada turística do Jaraguá e a Rua Comendador José de Matos, são observadas construções em madeira, suspensas, devido à topografia do terreno. Suas fachadas com pinturas coloridas não apresentam significado particular algum, colaborando apenas com a arte milenar indígena de pintar, com formas e contornos que se relacionam com sua cultura. Segundo os moradores, esse hábito de decorar ou “enfeitar” suas casas poderia identificar sua origem.

A aldeia *Tekoa Pyau* possui formato retangular, as casas têm forma e tamanhos diferentes, aparecendo como característica típica na maioria das construções Guarani, o telhado de duas águas. As divisões internas são raras em algumas construções, tendo como mobiliário: mesa, cama, cadeira, fogão, televisão, rádio e alguns outros aparelhos eletrodomésticos. Devido à dimensão reduzida das residências, os banheiros são na maioria comunitários. Segundo informação do indígena Vitor, até o hábito de dormir em rede está se perdendo. Entretanto, salienta que “[...] a incorporação de novos elementos não faz dos índios menos índios”. A Figura 2 mostra as fachadas de algumas residências da Aldeia *Tekoa Pyau*.

As residências estão organizadas em torno da casa de reza (*opy*), à qual possui uma grande importância para a comunidade Guarani, sendo um lugar sagrado e palco dos grandes eventos da aldeia. A cozinha comunitária, compartilhada por todos os membros da comunidade, é utilizada para guardar alimentos e o preparo das refeições.

Figura 2: Vista da Aldeia Tekoa Pyau. Fonte: Os autores (jan. 2016).



Apesar de amparados com equipamentos de infraestrutura urbana extremamente necessário como água, esgoto, saneamento, vias de acesso urbanas e autoestradas, alguns desses serviços - sem os quais não teriam mais como sobreviver nessa área - interferem no modo de

vida da comunidade indígena. Mesmo assim, concordamos com Oliveira quando observa que essas aldeias da periferia paulistana “buscam reforçar sua identidade, demarcando territórios Guarani no espaço metropolitano de São Paulo” (OLIVEIRA, 2001, p. 4).

As duas maiores comunidades indígenas da região metropolitana de São Paulo, Barragem *Krukutu*, e Jaraguá (*Pyau* e antiga *Itu*), têm sofrido ao longo do tempo, grande impacto decorrente do acelerado crescimento urbano da região (OLIVEIRA, 2001, p. 20).

Observa-se que, o contato contínuo com a urbanização, por diversas vezes, gerou conflitos às aldeias Guarani da periferia metropolitana, com envolvimento dos índios nos interesses governamentais, de particulares e mesmo da Igreja. “[...] conflitos devido à proximidade com os não indígenas, a adesão a projetos de valorização cultural, os casamentos entre famílias e a autonomia para as famílias gerirem suas relações (MAINARDI, 2016, p. 282). O álcool, as drogas, prostituição, miscigenação e a necessidade de buscar meios de sustento fora das aldeias representam ameaça vivida por eles cotidianamente (SOUZA, 2015)”.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O cotidiano da reprodução cultural

No cotidiano da aldeia, as atividades estão concentradas na casa de reza “*opy*”, uma construção de pau a pique e taipa de mão, ou seja, estrutura confeccionada por bambus entrelaçados e revestidos por barro, arremessados à mão, construída em um ponto estratégico da aldeia. Ela exerce um papel importante para os Guarani e, de certa forma, entendemos como um porto seguro para a etnia que constantemente está relembando de sua causa. Também é utilizada pelo sábio (*Xeramoi*) da aldeia contador de histórias sobre a vida da comunidade, seus ancestrais e seus ritos sagrados (casamento, batizado, luto, etc.). Esse local é utilizado também para a realização do café da manhã entre os membros da aldeia por estar instalado em local próximo à cozinha comunitária.

Há também outra construção, a qual as crianças (*kyringue*) denominam de *casa de ferro*, sendo que nesse local as crianças brincam, apresentam cantando ou são realizados eventos, encontros e cerimônias.

As casas são simples, construídas de forma intuitiva e espalhadas aleatoriamente pela área. Em alguns casos, anexadas às já existentes (puxados). Recursos básicos como energia elétrica, água potável e saneamento estão lá quase acidentalmente. O antigo riacho, onde as crianças brincavam, agora recebe parte dos esgotos de bairros vizinhos. As habitações dividem

espaço com as espécies de plantas nativas e algumas de café plantados há muitos anos (SANTOS, 2012).

Apesar de todo empenho dos líderes pela busca de condições dignas e à educação de seu povo, os Guarani que habitam a região do Jaraguá aparentemente vivem uma vida de dificuldades. Isto é propiciado pela improdutividade de suas terras, impróprias para o plantio, não existindo roça; a terra é seca e pedregosa, não havendo material favorável para construção, reconstrução ou manutenção de suas casas. Tais condições, que limitam o cotidiano nessa aldeia, colaboram para que suas iniciativas sejam em função de buscas de projetos de moradia urbanizados, ainda que precariamente, estando cada vez mais alicerçados ao Município e ao Estado, replicando as iniciativas das comunidades das classes populares.

Os anciões são os principais responsáveis por transmitir os ensinamentos para os mais novos, sobre o modo de vida Guarani, a caça, a pesca, a vida na aldeia, a construção de suas casas, os conhecimentos das crenças e costumes. Quanto ao processo construtivo, tais ensinamentos iniciam com tenra idade, pois no processo de execução de uma construção há também a transferência do saber construtivo da tradição. Assim, crianças e jovens, desde cedo, começam a desenvolver e despertar interesse pelo objeto construído, comum na cultura Guarani.

A união ou casamento ocorre tão logo os jovens despertam para a puberdade (14 anos), sendo que, no início da união, o jovem *tekoa* leva a moça para sua casa, onde ela passa a realizar suas atividades com a mãe do garoto *tekoa*. Antes da união definitiva, é a vez de irem para casa da mãe da moça e somente após o casamento, o casal passa a ter a própria moradia, sendo responsável pela construção de sua casa.

Breve análise sobre a educação indígena da aldeia *Tekoa Pyau*

O processo de “educação dos povos indígenas” possui histórico crítico desde o período de colonização do Brasil com as práticas religiosas dos jesuítas, para a conversão da população nativa em cristãos. Embora o início da educação indígena tenha sido de cunho religioso, historicamente ela contribuiu para que os jesuítas aprendessem o modo de vida nas aldeias, que os registravam e repassavam tais conhecimentos aos colonizadores.

Segundo o indígena Guarani Vítor (líder da aldeia), a alfabetização da população indígena é fundamental e cada vez mais necessária nesse novo cenário histórico vivido hoje pelos Guarani do Jaraguá, mas “[...] está se tornando um desafio”.

Vítor salienta que a presença da escola na comunidade indígena exerce um importante papel de formadora de opinião e garante a manutenção da cultura, da língua, dos costumes e do modo de ser do Guarani *Mbyá*. E complementa “[...] é nela que conseguiremos capacitar nossos jovens, tornando eles conhecedores das leis que garantam nossa existência, fazendo deles grandes líderes, aliás, o objetivo dos grandes líderes da nossa etnia é levar o conhecimento desde a infância”.

Sob o ponto de vista dos líderes da Tekoa Pyau, a educação inserida no contexto indígena está no caminho certo, mesmo que em passos vagarosos, aos poucos, alcançará a velocidade e a intensidade almejadas.

Desde alguns anos a comunidade conta com o Centro de Educação e Cultura Indígena (CECI); entretanto, segundo Vítor, na maioria dos territórios indígenas, respeitando as diferentes gerações, há um crescente conflito sobre a educação. Alguns veem na educação uma ferramenta de conhecimento para defender seus direitos e conseguir dialogar com o homem branco; outros, como porta de saída sem retorno à comunidade – o que é temido por muitos.

A formação indígena no ambiente escolar

Para os pajés (*Xeramõis*) Guarani da comunidade *Tekoa Pyau*, os ensinamentos começam na infância e são transmitidos pela observação dos anciões, na casa de reza *opy*, onde os grandes chefes rezadores transmitem todo o conhecimento das plantas e ervas medicinais, as danças, os cantos e a vida na aldeia, herdados dos seus antepassados sendo que, em casa, com os pais e irmão mais velhos, o conhecimento é socializado.

É no cotidiano na aldeia que é praticado o processo de aprendizagem indígena ocorrido em sala de aula (CECI). Quanto às escolas indígenas, consideramos que o aspecto mais inovador da legislação é o reconhecimento de que os indígenas possuem “processos próprios de aprendizagem”, os quais precisam ser levados em conta pela escola; logo, procuraremos mostrar que o principal desafio das políticas públicas voltadas para a educação escolar indígena refere-se à dificuldade de reconhecer a legitimidade dessas pedagogias nativas (TASSINARI; GOBBI, 2009, p. 104).

Fica evidente que nas escolas indígenas devem ser trabalhados métodos de ensino diversificados e com qualidade e que estejam direcionados à valorização da cultura local, tendo lugar e possibilidade de trabalhar com o conhecimento dos anciões (*Xeramõis*), confirmando o exposto por Tassinari e Gobbi. Analisado dessa forma, consideramos que um único método de ensino não pode atender às necessidades das diversas etnias que habitam as diferentes partes do

país, pois possuem suas particularidades culturais, suas línguas, seus modos de vida, suas crenças e mitos, restritas de povo para povo.

O Centro de Educação e Cultura Indígena (CECI) surgiu a partir de uma parceria entre a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo e lideranças indígenas Guarani em 2002. A proposta inicial surgiu mediante necessidade da comunidade para que fossem preservados os costumes e a identidade cultural, pois o contato e as influências com os não indígenas estavam cada vez mais próximos da realidade nas aldeias e culminaram em transformações diretas em sua maneira de ser.

Hoje (2016), o CECI Jaraguá acolhe 113 crianças indígenas da aldeia *Tekoa Pyau*, oferecendo atendimento educacional às que estão entre zero a cinco anos e onze meses, de segunda à sexta-feira, de forma integral de dez horas diárias: das 07h às 17h, ou parcial de cinco horas diárias: pela manhã, das 07h às 12h, ou pela tarde, das 12h às 17h, desenvolvendo atividades de promoção cultural reavivando os costumes e o jeito de ser (*nhandereko*) Guarani, fortalecendo sua identidade étnica.

A língua Guarani faz parte do cotidiano das crianças na escola e na aldeia. O português é inserido no aprendizado das crianças somente depois dos seis anos; no entanto, esse idioma infiltra-se no cotidiano infantil de forma precoce pela presença do rádio e da televisão junto à aldeia, pelo contato com não indígenas que frequentam o parque estadual do Jaraguá e os bairros limítrofes extramuros.

Os anciões (*Xeramōis*) da aldeia foram os primeiros educadores que iniciaram as atividades no CECI por meio de processos próprios de ensino/aprendizado, pois, como descreve na proposta político pedagógica da Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de São Paulo, “[...] a educação não é restrita a quatro paredes, mas entendida de forma ampla, fazendo com que a teoria possa ser vivenciada, construída e transformada”. Eles atuaram com o objetivo de desenvolver e manter os aspectos físico, psicológico, intelectual e social dos Guarani.

Vale ressaltar que, dentre as propostas de ensino, além do que diz respeito à promoção cultural Guarani, estão inseridos conhecimentos sobre outros povos indígenas, promovendo diálogos entre a cultura indígena e a sociedade envolvente na perspectiva intercultural, o que já é um grande avanço nesse cenário onde está localizado o *Tekoa Pyau*.

Em 2012, a Secretaria de Educação do Município de São Paulo elaborou em conjunto com os coordenadores Guarani um Caderno de Orientações Curriculares, Expectativas de Aprendizagens e Orientações Didáticas de Educação Infantil Escolar Indígena.

O material é bilíngue e contém a proposta para os Centros de Educação Infantil Indígena (CEII), vinculado aos Centros de Educação e Cultura Indígenas (CECI) da Cidade de São Paulo. Contém ainda as práticas pedagógicas a serem adotadas pelos educadores dentro desses centros.

Dentre as atividades propostas no material, estão: brincadeiras tradicionais e sua importância à formação cultural; reflexão sobre o modo de ser Guarani; o tempo, a arte e a educomunicação, onde é possível registrar as atividades desenvolvidas no CECI; conhecimento e histórias da cultura Guarani e a possibilidade de divulgação dos trabalhos e pesquisas realizadas nas aldeias, ampliando as fronteiras do conhecimento.

A proposta do ensinamento da cultura Guarani, dentro dos CECI, colabora para a continuidade do modo de ser Guarani: ensinar às crianças a importância da preservação cultural e a história do seu povo. É constatado tal significado por meio dos desenhos (Figuras 3 e 4), elaborados por alguns alunos do CECI em uma tarde de pintura, que demonstra uma conexão entre o sonho da criança *tekoa* e o conhecimento tradicional Guarani.

Figura 3: Sonho de uma criança *tekoa*
Fonte: Aline Villela de Melo Motta, 2007.



Na imaginação da criança Guarani *tekoa* (figura 3), a casa (maloca) surge à frente com uma tipologia simples, porém como outros fatos simbólicos relacionados como a proximidade coletiva das casas vizinhas e a natureza, tendo as roças como pano de fundo, complementando o cenário. O desenho realiza uma ligação entre a realidade presente no cotidiano da aldeia e o interior espiritual, notando que, mesmo com interação entre indígenas e não indígenas, as necessidades para a realidade do modo de viver Guarani continuam presentes: a importância da casa, das árvores, do fogo, da água, o sonho da Terra Sem Mal “*Ivy marãey*” (CLASTRES, 1978).

Figura 4: Desenho da percepção de uma criança Tekoa
Fonte: Luciano Gabriel Martins, 2014.



É perceptível, pelo desenho do pequeno *tekoa* (Figura 4), a organização da aldeia Guarani, onde os traços indígenas ainda continuam vivos na memória, conseguindo vencer a intensa inserção no cenário urbano. Está representada a riqueza dos elementos construtivos das malocas, a descrição dos materiais: cobertura em palha, paredes feitas em taipa de mão, interação da natureza, animais, o fogo que remete aos círculos de conversa utilizados para contar histórias das aldeias.

CONCLUSÕES

No decorrer dos anos, a comunidade indígena Guarani do Jaraguá vem sofrendo um grande envolvimento cultural do entorno, advindo do crescimento urbano da região. A proximidade com a grande cidade traz a necessidade do aperfeiçoamento das políticas públicas municipais no tocante à presença da comunidade indígena em zona urbana, bem como a realização de investimentos em infraestrutura junto à comunidade com vistas à sua preservação.

Conforme relata Silva (2015, p. 43), a empresa de Desenvolvimento Rodoviário S/A (DERSA), do Estado de São Paulo, em seu relatório de impacto ambiental para implantação do rodoanel pelo limite noroeste da TI do Jaraguá, sugeria que o local em que estavam as aldeias era uma favela onde moravam pessoas que não seriam indígenas, mas “mestiços”, fato que provocou a ira das lideranças locais.

Há anos a Comissão Pró-Índio relata, e foi possível constatar em nossas visitas em 2015/2016, que a situação de moradia na região é muito precária, visto os tipos de materiais encontrados na maioria das construções das casas (malocas) como alvenaria, tábuas, telhas de amianto e de barro, com presença de energia elétrica, água encanada e saneamento básico deficientes.

Um simples olhar sobre esse cenário evidencia duas temporalidades que se misturam: o indígena e, simultaneamente, o tempo urbano periférico que o circunda e interfere nas práticas sociais. Diante dessa realidade, é importante conhecer e reconhecer as consequências geradas no cotidiano dessa aldeia e a diferença entre contexto indígena e o interior das grandes cidades.

O projeto CECI dentro da comunidade atende de forma significativa as necessidades imediatas como alimentação para as crianças que frequentam a escola e proporciona, via educação escolar, a possibilidade de continuidade cultural da comunidade indígena Guarani circundada pelo urbano.

A educação, no dizer do líder Vítor, aparece como importante estratégia de afirmação cultural, via socialização secundária das crianças. Segundo ele, nesse contexto, estão em processo contínuo de aprendizagem não só a educação, a cultura, a forma de suas moradias, mas também a preocupação quanto a sua identidade cultural de indígenas, que sofre risco de perder-se com o modo de interação com os não indígenas.

Dessa forma, torna-se evidente que o cotidiano interfere no estilo de vida peculiar dessa comunidade da etnia Guarani. As condicionantes impostas pelo crescimento urbano acelerado na periferia de São Paulo e o choque entre as culturas, traz a real necessidade dessas adaptações e a ressignificação para que as suas práticas culturais permaneçam.

Nesse sentido, entende-se que as culturas transformam-se no tempo. O que resta saber é com que força os Guarani dessas aldeias continuarão a manter suas práticas culturais, língua e modo de vida. Até onde suas condições precarizadas os afetam, interferindo e forçando os mais jovens a viverem fora da aldeia, gerando filhos, netos e bisnetos não parentes.

Conforme comentou o líder Vítor, sobre a cultura indígena das aldeias *Tekoa Pyau* e *Tekoa Itu*, em 2015, seja para busca de emprego fora da aldeia, seja devido à necessidade de dialogar com a sociedade dos não índios, em prol dos seus direitos e conhecimentos, “[...] é comum ver índio utilizando celular, ouvindo som em volume elevado”. A utilização de ferramentas oferecidas pela sociedade circundante e incorporadas ao meio indígena, no entanto, não os caracterizam como “ser ou não índio”, razão pela qual não são os objetos em si que os tornam menos ou mais indígenas, senão o que fazem com o processo que os circunda e como

moldam e remoldam suas práticas culturais indígenas mesmo dentro de um cenário urbano metropolitano.

REFERÊNCIAS

CASTRO OLIVEIRA, B. A. C. *As Terras Indígenas da Barragem (Morro da Saudade) e de Krukutu e Rodoanel Mario Covas – Trecho Sul*. São Paulo, 2001.

CLASTRES, H. *Terra sem mal: o profetismo Tupi-Guarani*. São Paulo: Brasiliense, 1978.

COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO DE SÃO PAULO (CPISP). *Terras indígenas no Estado de São Paulo*: CPISP, 2014. Disponível em: <<http://www.cpisp.org.br/índios/html/uf.aspx?ID=SP>>. Acesso em: 14 out. 2016.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO (FUNAI). Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/index.php#>>. Acesso em: 14 out. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Demográfico 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

MAINARDI, C. Entre as redes das famílias tupi-Guarani. In: DANAGA, Amanda Cristina; PEGGION, Edmundo Antônio. (Org.). *Povos indígenas em São Paulo: novos olhares*. São Carlos: EdUFSCar, 2016.

MARTINS, L. G. *A educação ambiental em escola indígena: um estudo de caso na Escola Guarani CECI na aldeia Tekoa Pyau*. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Presbiteriana Mackenzie, UPM, São Paulo, SP, 2014.

MOTTA, A.V. de M. *Tekoa Pyau: uma aldeia Guarani na metrópole*. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUCSP, São Paulo, SP, 2007.

NOVAES, S. C. (Org.). *Habitações indígenas*. São Paulo. Nobel: Ed. da Universidade de São Paulo, 1983.

PEGGION, E. A.; DANAGA, A. C. *Povos indígenas em São Paulo: novos olhares*. Prefácio. São Carlos: EdUFSCar, 2016.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. CECI – Centro de Educação e Cultura Indígena: Proposta Político Pedagógico. Disponível em: www.portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Projetos/ei/Documentos/ppp/ppp.pdf. Acesso em: 20 set. 2015.

_____. CECI – Centro de Educação e Cultura Indígena: 10 anos de História. Disponível em: <www.portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Main/Noticia/Visualizar/PortalSMESP/CECI--10-anos-de-historia>. Acesso em: 20 set. 2015.

_____. Orientações curriculares, expectativas de aprendizagens e orientações didáticas dos centros de educação infantil indígena (CEII) vinculado aos centros de educação e cultura indígenas (CECI) da cidade de São Paulo. Disponível em: <www.portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Projetos/etnico/Documentos/publicacoes/OC_CECI_WEB.pdf>. Acesso em: 20 set. 2015.

SANTOS, P. C. dos. *Aldeia Tekoa Pyau: o desafio de ser vizinha da cidade*. Disponível em: <portal.aprendiz.uol.com.br/2012/07/12/aldeia-tekoa-pyau-o-desafio-de-ser-vizinha-da-cidade/>. Acesso em: 20 out. 2015.

SILVA, F. de O. *Do Tekoa Pyau à nova aldeia: sujeitos em movimento na produção do espaço local*. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, SP, 2015.

SOUZA, N. L. T. de. *Tekoa Pyau: território de luta e resistência Guarani no Jaraguá (SP)*. 2015. 172 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geociências e Ciências Exatas, USP, Rio Claro, SP, 2015.

TASSINARI, A. M. I.; GOBBI, I. Políticas públicas e educação para indígenas e sobre indígenas. *Educação Revista do Centro de Educação*. Universidade Federal de Santa Maria, v. 34, n. 1, 2009, pp. 95-112. 2009.

TESTA, A. Q. *Caminhos e saberes Guarani Mbya: modos de criar, crescer e comunicar*. 2014. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

VIVEIROS DE CASTRO, E. No Brasil todo mundo é índio, exceto quem não é. *Povos indígenas no Brasil*. São Paulo: Instituto Socioambiental, ago. 2006. Disponível em: <www.pib.socioambiental.org/files/file/PIB_institucional/No_Brasil_todo_mundo_%C3%A9_%C3%ADndio.pdf>. Acesso em: 20 out. 2015.